



CARACTERIZAÇÃO DAS ESPÉCIES MELÍPONAS E PERDAS DE ENXAMES NAS AGROVILAS DA SERRA DO MEL – RN.

Ítala Iara Medeiros de Araújo¹; Gunthinéia Alves de Lira²; Luis Henrique Fernandes Borba²; Daniel Santiago Pereira³.

¹Aluna de Pós-Graduação do Curso Manejo Sustentável do Semiárido da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: itala_iara@yahoo.com.br; ² Professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; ³ Professor do Instituto Federal do Rio Grande do Norte – Campus Pau dos Ferros.

RESUMO – Objetivou-se com esta pesquisa realizar um levantamento das espécies de abelhas indígenas sem ferrão criadas em meliponários das agrovilas rurais no município de Serra do Mel bem como a perda de enxames durante os anos de 2011 à março de 2013. Foram entrevistados 24 meliponicultores “in loco” através de interrogatório direto, utilizando-se questionário formal por escrito. Para a análise das respostas, foram utilizadas ferramentas da análise estatística descritiva. Observou-se a perda de 67,14% dos enxames entre os anos de 2012 e 2013. Verificou-se que a espécie *Melipona subnitida* D. predomina nos meliponários das Agrovilas do município de Serra do Mel. Conclui-se que os meliponicultores sabem a importância da atividade, mas que para tornarem a atividade racional necessitam de treinamentos específicos para a espécie.

Palavras-chave – Meio ambiente; *Melipona subnitida* D.; Meliponicultura; Treinamento.

INTRODUÇÃO

O Brasil é rico em espécies de abelhas indígenas sem ferrão ou meliponíneos e a criação racional desta espécie, a meliponicultura, está se desenvolvendo principalmente no nordeste brasileiro, onde as abelhas são manejadas há bastante tempo com técnicas já consagradas popularmente (KERR et al., 1996).

Esta atividade vem sendo desenvolvida há bastante tempo em diversas regiões do país, especialmente no Norte e Nordeste, havendo meliponicultores que possuem grande número de colméias de uma única espécie, como é o caso da Tiúba (*Melipona compressipes* F.) no Maranhão, ou a Jandaíra (*Melipona subnitida* D.) no Ceará e Rio Grande do Norte. Existem, ainda, muitos meliponicultores que criam abelhas indígenas como passatempo, explorando o mel apenas esporadicamente (CAMPOS, 2003).

Embora vantajosa, a criação de abelhas nativas é dificultada pela escassez de informações biológicas e zootécnicas, visto que na literatura, raras são as pesquisas realizadas com estas abelhas. As pesquisas hoje existentes estão voltadas mais para a apicultura, por esta ser uma cadeia mais organizada e que gera maior volume de produção de mel que a melípona.

Objetivou-se, com esta pesquisa realizar um levantamento das espécies de meliponíneos que ocorrem no meliponários do município estudado bem como a perda de enxames durante os anos de 2011 à março de 2013.

METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido entre os dias 4 e 6 de março de 2013, em 15 agrovilas do município de Serra do Mel, Rio Grande do Norte, no Nordeste do Brasil.

Para a coleta dos dados referentes à identificação das espécies e a perda dos enxames, foram entrevistados 24 meliponicultores que representavam o total de produtores das agrovilas, "in loco", visitando-se os meliponários, através de interrogatório direto, utilizando-se questionário formal por escrito, visando a padronização no processo de coleta.

Para a análise das respostas, foram utilizadas ferramentas da análise estatística descritiva, através da qual foram mostrados os valores absolutos e percentuais obtidos. Os dados foram organizados na forma de gráficos.

A análise dos dados foi realizada com auxílio do pacote estatístico SAS 9.1 (SAS Institute, Inc., 2005), onde foram calculados os valores das frequências das variáveis amostradas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Procurou-se identificar a perda de enxame pelos meliponicultores entre os anos de 2011, 2012 e até o mês de março de 2013. O comportamento da perda de enxames pode ser observado na Tabela 1.

Observa-se que até o ano de 2012, as abelhas eram criadas apenas em cortiços. A partir de 2013 é que os produtores passaram a deixar as abelhas em troncos ao invés de passarem os enxames para os cortiços. Este comportamento foi explicado durante a entrevista por alguns meliponicultores, que preferiam ir à mata para capturar os enxames no tronco e trazerem para suas residências a fim de proporcionar um local mais propício às abelhas, visto que, segundo eles, estas vinham morrendo por falta de água. E optavam por deixar os enxames nos troncos por se tratar de um local mais natural para a espécie e por receio de, na hora da transferência para o cortiço, alguns enxamearem.

Entre os anos de 2012 e 2013, a perda de enxames foi de 67,14%. Este número não é só reflexo da seca que atingiu esta região, mas também ao baixo nível tecnológico presente na maioria dos meliponários visitados e da ausência do emprego de técnicas simples de manejo racional de meliponíneos, como por exemplo, a utilização de alimentação artificial.

Quanto a caracterização das espécies melíponas, verificou-se que a espécie *Melipona subnitida* D. predomina nos meliponários das Agrovilas do município de Serra do Mel, com frequência de 95,83% para as Jandaíras criadas em cortiços, com o número médio de 7,74 cortiços por produtor, tendo sido encontrado um valor mínimo de um cortiço e um máximo de 25. Os 23 entrevistados que criavam Jandaíras em cortiços também as criavam em troncos, perfazendo um total de 13,04%, onde o número médio de troncos por produtor foi de 3,33, com valor mínimo de três e máximo de quatro troncos.

Pereira *et al.* (2011), realizando um levantamento sobre as principais espécies encontradas na mesorregião Oeste Potiguar, na microrregião Mossoró e especificamente no município aqui estudado, observaram que a frequência desta espécie foi de 97,05%, 92,7% e 85,7%, respectivamente.

Bruening (1990) & Freitas *et al.* (2002), comentaram que, dentre os meliponíneos nativos do Nordeste Brasileiro, a abelha jandaíra (*Melipona subnitida* Ducke) é uma das espécies mais indicadas para criação racional com fins lucrativos na região semiárida da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, além de produzir mel de excelente qualidade organoléptica, o que o torna bastante procurado na região.

A segunda espécie mais observada nos meliponários visitados foi a *Frieseomelita doederlini* F., com frequência de 41,67%, ou seja, dos 24 meliponicultores, 10 criavam Amarela em cortiços, com o número médio de 1,6 cortiços por produtor, tendo sido encontrado um valor mínimo de um cortiço e máximo de quatro. 10 entrevistados que criavam Amarela em cortiços também as criavam em troncos, perfazendo um total de 20% destes, o que correspondia a dois meliponicultores apenas, onde estes tinham, cada um, um tronco com enxame da espécie.

Em seguida observou-se que sete dos 24 meliponicultores possuíam cortiços da espécie *Plebeia mosquito* S., correspondendo a um percentual de 29,17%, onde foi encontrado um número médio de 1,7 cortiços por produtor, com um valor mínimo de um cortiço e um máximo de três. Destes sete, apenas dois (28,57%) criavam também em troncos, com distribuição de um tronco para um e seis troncos para o outro. Neste trabalho, muitas outras denominações foram encontradas para as abelhas desta espécie, como por exemplo, Jati e Mirim.

Há tempos tem se verificado que os nomes vulgares de abelhas, por sua imprecisão, não oferecem base sólida para o entendimento comum entre pessoas de um país tão grande e variado como o Brasil. Cada Estado ou grupos de Estados tem tradições, costumes, história, clima, topografia, solos, fauna, flora, etc. que lhes são próprios (NOGUEIRA NETO, 1997). E a espécie *Tetragona varia* L. só era criada por apenas um produtor (4,17%), que também criava a Moça-branca em um tronco.

CONCLUSÃO

Foram observadas perdas de enxames entre os anos de 2011 e 2013 que podem ter sido influenciadas pela baixa pluviosidade da região no período e consequente escassez de florada bem como pelo baixo nível tecnológico dos meliponários visitados, visto que a grande maioria dos produtores nunca recebeu treinamento para manejar esta espécie. Conclui-se que os meliponicultores sabem a importância da atividade, mas que para tornarem a atividade racional necessitam de treinamentos específicos para a espécie.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUENING, H. **Abelha Jandaíra**. 2.ed. v. 1189. Mossoró: Guimarães Duque, 2001. 148p. (coleção mossoroense Série "C").
- CAMPOS, L. A. O. **A criação de abelhas indígenas sem ferrão**. Viçosa: UFV, 2003. 6 p. (Informe Técnico, ano 12; 67)..
- FREITAS, M. F.; MARINHO, I. V.; SOUZA, W. A. Avaliação de Colméias de Jandaíra (*Melipona subnitida*), Procedentes de Divisões, no Meliponário escola da UFPB, CAMPUS VII, Patos-PB. In: **Congresso Brasileiro de Apicultura**, 14., 2002, Campo Grande. Anais...Campo Grande: Confederação Brasileira de Apicultura, 2002. p. 104.
- KERR, W. E.; CARVALHO, G. A.; NASCIMENTO, V. A. **Abelha Uruçu : Biologia, Manejo e Conservação**. Belo Horizonte: Acangaú, 1996. 144 p. (Coleção Manejo da vida silvestre; 2).
- NOGUEIRA NETO, P. **Vida e criação de abelhas sem ferrão**. São Paulo: Nogueirapis, 1997. 446p.
- PEREIRA, D, S.; MENEZES, P. R.; FILHO, V. B.; SOUSA, A. H.; MARACAJÁ, P. B. **Abelhas indígenas criadas no Rio Grande do Norte**. Acta Veterinaria Brasilica, Mossoró, v. 5, n. 1, p. 81-91, 2011.
- SAS INSTITUTE INC 2002-2005. SAS 9.1.3, Cary, NC: SAS Institute Inc.

Tabela 1. Número médio, mínimo e máximo de cortiços e/ou troncos povoados por produtor entrevistados entre os anos de 2011, 2012 e 2013.

Número por produtor	Ano		
	2011	2012	2013*
Número médio de cortiços povoados	17,7	14	9,4
Número mínimo de cortiços povoados	2	2	1
Número máximo de cortiços povoados	52	50	25
Número médio de troncos povoados	-	-	0,625
Número mínimo de troncos povoados	-	-	1
Número máximo de troncos povoados	-	-	6

* Até o mês de março.